



Colóquio Nacional Henri Lefebvre

Produção e Reprodução do Espaço Urbano nas Cidades Brasileiras

30, 31 de Out. e 1 de Nov. de 2013

GT2: Culturas Urbanas: Práticas Espaciais e insurreição do Uso na Cidade

PATRIMÔNIO E COTIDIANO: APONTAMENTOS SOBRE A DIMENSÃO DO ESPAÇO VIVIDO NAS CIDADES HISTÓRICAS DE GOIÁS

Luana Nunes Martins de Lima

RESUMO

No presente artigo desenvolvem-se apontamentos sobre a dimensão do espaço vivido nas cidades históricas de Goiás, considerando a presença do patrimônio ainda materializado nas formas de muitas dessas cidades. São discutidas as práticas de patrimonialização que legaram a poucas cidades uma condição de visibilidade, enquanto outras permanecem em situação de abandono e esquecimento. O patrimônio, entretanto, é entendido aqui em sua relação com o cotidiano e com a memória social das populações. Ele é parte constitutiva da cidade e dá suporte às lembranças, assumindo formas de resistência à modernidade. Conclui-se a importância de que a valorização do patrimônio das cidades de Goiás não se restrinja ao olhar institucional, e propõe-se o desenvolvimento de pesquisas que construam reflexões sobre a temática.

INTRODUÇÃO

Para compreender a especificidade da cidade, é necessário analisar as relações com a sociedade no seu conjunto, com a sua composição, funcionamento, com os seus elementos constitutivos e com a sua história. “Ela muda quando a sociedade no seu conjunto muda”. (LEFEBVRE, 1968, p.52).

Lefebvre tece um encadeamento de ideias a respeito da fase crítica da cidade e da realidade urbana. Com a industrialização, a história entrou em uma fase de mundialização, com a disseminação das relações de produção e da lógica produtivista capitalista. A partir deste momento, as particularidades locais passam a ser eliminadas em favor de uma homogeneização que viabiliza a constituição de um mercado em nível global. Contudo, o autor identifica resistências a esse processo de homogeneização com o objetivo de instaurar a diferença como característica fundante da sociedade urbana.



Colóquio Nacional Henri Lefebvre

Produção e Reprodução do Espaço Urbano nas Cidades Brasileiras

30, 31 de Out. e 1 de Nov. de 2013

Diante disso, observa-se nos dias atuais um engajamento pela preservação do que sobrou do passado das cidades, independentemente do estoque de materialidades históricas que estas possuem. Mesmo as cidades recentes têm adotado a prática de preservar os vestígios mais significativos de sua história. Isso mostra que houve uma profunda mudança na forma como a sociedade brasileira se relaciona com suas memórias. Segundo Abreu (1998, p. 79), o passado é uma das dimensões mais importantes da singularidade. O passado “materializado na paisagem, preservado em “instituições de memória”, ou ainda vivo na cultura e no cotidiano dos lugares, não é de se estranhar, então, que seja ele que vem dando o suporte mais sólido à essa procura de diferença”.

A busca enfática pela identidade dos lugares, de que nos fala Abreu (1998), tem sido primeiramente uma busca de raízes, uma busca de passado. Afinal, “recuperar o passado significa: construir o sentido e o presente” (BOLLE, 2000, p. 67). De acordo com Harvey (1992, p. 85),

O impulso de preservar o passado é parte do impulso de preservar o eu. Sem saber onde estivemos, é difícil saber para onde estamos indo. O passado é o fundamento da identidade individual e coletiva; objetos do passado são a fonte da significação como símbolos culturais.

Os símbolos culturais produzidos são instrumentos políticos previstos nos ideários dos projetos de patrimonialização global. Este artigo, porém, ressalta, sobretudo, o aspecto do patrimônio das cidades na dimensão do vivido. A condição de permanência em detrimento da mudança, divorciada do processo de modernização, por muito tempo por esquecimento e agora pela valorização do patrimônio, é condição *sine qua nom* para a preservação também da memória e do imaginário social de muitas cidades históricas goianas.

Busca-se apontar reflexões sobre outra forma de valorização do patrimônio, que se opõe ao patrimônio entendido como produto de consumo e espetáculo. Tais reflexões apontarão para o patrimônio em sua dimensão simbólico-afetiva no lugar. Afinal, a cidade não se trata de uma entidade abstrata, ocupada racionalmente apenas para usos técnicos, como circular, trabalhar e morar. Ela também “possui uma realidade espessa de sentidos particulares relacionados às pulsões mais profundas do próprio sujeito” como sugeriu João A. Frayze-Pereira em apresentação da obra de Freire (1997, p.25). Ela comporta uma dimensão biográfica, a qual lhe confere o sentido de “minha cidade”, de meu “lugar de vida”.



Colóquio Nacional Henri Lefebvre

Produção e Reprodução do Espaço Urbano nas Cidades Brasileiras

30, 31 de Out. e 1 de Nov. de 2013

Por isso, a relação entre a cidade e o imaginário social abarca outras categorias que transcendem a ideia da cidade como uma série de traçados objetivos. A cidade envolve uma complexidade de relações sociais que compreendem o espaço como produto histórico de uma sociedade, que também é histórica. Assim, o patrimônio dessa sociedade só pode ser dimensionado, considerando as próprias escolhas da mesma, a construção seletiva da memória social. Percorrer o caminho da interpretação desse patrimônio é, em síntese, “dar sentido a um repertório de valores que identificam essa sociedade” (MENESES, 2012, p. 27).

CIDADES HISTÓRICA EM GOIÁS: PATRIMÔNIO, ESQUECIMENTO E RESISTÊNCIA

A abordagem sobre as cidades-patrimônio a partir do que é entendido como patrimonialização global, se faz presente nos estudos de Costa (2013). Esse processo somado à reprodução de imagens de fragmentos urbanos, negam o lugar enquanto espaço vivido em totalidade. Nas palavras do autor, “trata-se da presença-ausência de elementos que consubstanciam a própria memória” (p. 1546).

A crítica do autor se dirige a um princípio mercadológico de acepção do patrimônio que torna a história dos lugares cada vez mais tencionada nas “imagens focadas em setores de cidades ou em objetos simbólicos favorecedores da reprodução ampliada deste patrimônio institucionalizado e situado”. Para ele, “o suporte da memória não se localiza, concretamente, no lugar das imagens e do discurso ora produzidos” (p. 1550). Por isso, ressalta-se que o patrimônio não é apenas o que é instituído como um bem que produz valores de troca; o que é, em muitos casos, trazido para o circuito comercial.

Em Goiás, o movimento de patrimonialização, conforme esclarece Costa e Steinke (2013), legou maior ênfase e centralidade a Cidade de Goiás e a Pirenópolis, que adquiriram um caráter imagético e maior notoriedade midiática em âmbito regional, nacional e internacional. Entre outras razões elencadas, estas cidades foram as primeiras do ciclo do ouro a terem seus núcleos tombados pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) em Goiás. Os autores evidenciaram que outros núcleos urbanos, entre os quais eles incluem Pilar de Goiás, Jaraguá e Corumbá de Goiás, apesar dos acúmulos temporais presentes, apresentam-se como um patrimônio atrativo sem tanta expressividade para o estado. Isso porque as políticas de patrimonialização privilegiaram os lugares e objetos



Colóquio Nacional Henri Lefebvre

Produção e Reprodução do Espaço Urbano nas Cidades Brasileiras

30, 31 de Out. e 1 de Nov. de 2013

símbolos que demarcavam o papel das elites urbanas e rurais pretéritas que forjaram uma ideologia espacial de consagração da nação. Neste processo de busca da identidade da nação, relegaram-se ao esquecimento muitos grupos sociais e núcleos urbanos do estado. Acrescenta-se os municípios de Santa Cruz, Guarinos e Crixás, entre outros.

Inicialmente, o esquecimento destas cidades foi reflexo do longo processo de decadência econômica pela qual passaram, que provocou o esvaziamento populacional, o abandono das residências e outros tipos de edificações. Como consequência, estas cidades ficaram às margens do desenvolvimento imposto na ideia de progresso surgida a partir da República, na qual se difundia o Brasil como o “país do futuro”, responsável por gerar reformas urbanísticas radicais em várias cidades, servindo como modelo para as que iam surgindo.

Atualmente, este esquecimento dá-se muito mais pela exclusão destas cidades no que se refere às políticas de patrimonialização e reconhecimento histórico, somado ao abandono ou destruição do patrimônio material ainda existente. Muitos municípios históricos de Goiás refletem essa situação de esvaziamento, estagnação populacional e destruição de boa parte do patrimônio material. Além disso, constata-se o descaso do poder público nas diversas esferas, bem como uma posição de invisibilidade em que ocupam no rol das cidades históricas de Goiás.

A resistência, por sua vez, se consolida pela memória social, à medida que esta afirma o sentido do patrimônio. A ameaça de sua destruição está fundada no descomprometimento e no esquecimento das relações e das experiências com o mesmo, o que gradativamente cede espaço para novas formas e funções na/da cidade.

Lefebvre (2001, p. 104-105) pensando a cidade, faz a seguinte reflexão:

[...] a cidade, enquanto realidade acabada, se decompõe. O conhecimento tem diante de si, a fim de decupá-la e recompô-la a partir de fragmentos, a cidade histórica já modificada. Como texto social, esta cidade histórica não tem mais nada de uma sequência coerente de prescrições, de um emprego do tempo ligado a símbolos, a um estilo. Esse texto se afasta. Assume ares de um documento, de uma exposição, de um museu. A cidade historicamente formada não vive mais, não é mais apreendida praticamente. Não é mais do que um objeto de consumo cultural para os turistas e para o esteticismo, ávidos de espetáculos e do pitoresco. Mesmo para aqueles que procuram compreendê-la calorosamente, a cidade está morta. No entanto, o “urbano” persiste, no estado de atualidade dispersa e alienada, de embrião, de virtualidade. [...] Impossível considerar a hipótese de reconstituição da



Colóquio Nacional Henri Lefebvre

Produção e Reprodução do Espaço Urbano nas Cidades Brasileiras

30, 31 de Out. e 1 de Nov. de 2013

cidade antiga; [...] Nem retorno (para a cidade tradicional), nem fuga para a frente, para a aglomeração colossal informe – esta é a prescrição

Entende-se que a resistência não se traduz pela ideia de que o passado está presente ali, intacto, não incorporando outras formas, não se resignificando com o passar do tempo. Ela é a própria memória, que estabelece o elo entre o passado e o presente. Quando o patrimônio permanece na materialidade, a memória é muito mais proeminente para aquele lugar do que se ele estivesse ausente. A prescrição feita por Lefebvre contribui para se pensar em uma nova forma de “olhar” a cidade, a propósito desses apontamentos sobre as cidades históricas de Goiás. Nesse sentido, vê-las não como reminiscências históricas de um tempo que já passou, e por isso devem ser mantidas; nem como materialidades que refletem unicamente o atraso de um lugar aonde a modernidade chegou a passos lentos, e por isso devem ser modernizadas.

PATRIMÔNIO, MEMÓRIA E COTIDIANO – ELEMENTOS PARA REFLETIR SOBRE AS CIDADES HISTÓRICAS DE GOIÁS

O patrimônio se apresenta como possibilidade de promover uma rede de convívio e sociabilidade que transmuta o sentido de cidade ou espaços modernos. Combina-se a resistência do espaço e do tempo, não só pelos acúmulos históricos que rememoram o passado, mas por meio de relações sociais que persistem, pelo sentido de pertença e pela construção da identidade partilhada, ora como passado, ora como presente e ora como devir.

A preocupação aqui não é entender o patrimônio pela lógica comercial de promulgação dos lugares. Mas sim, entender como este patrimônio foi produzido e como ele é pensado dentro da história do lugar, constituído pela história das pessoas que vivem nestas cidades. O valor do patrimônio está na memória coletiva, é endógeno à história de seus habitantes e, muitas vezes, esse valor não extrapola o campo da escala local. O sentido do patrimônio que se busca resgatar, portanto, está no fluxo da memória, que

ao jorrar, vem todo margeado por pontos onde a significação da vida se concentrou [...]. Estes eventos e outros mais vão se apegando aos materiais que os acompanharam, vão modelando o sentido íntimo das coisas que durante anos resistiram a nós com sua alteridade e acabaram por tomar algo do que fomos. Ao final, a morfologia da cidade, dos minúsculos objetos aos



Colóquio Nacional Henri Lefebvre

Produção e Reprodução do Espaço Urbano nas Cidades Brasileiras

30, 31 de Out. e 1 de Nov. de 2013

grandes bairros, foi subjetivamente diferenciada: as experiências, os afetos imanizaram os lugares, demarcando núcleos em torno dos quais vão gravitar as lembranças. (GOLÇALVES FILHO, 1988, p. 112)

A memória é um conceito fundamental para a análise proposta. Halbwachs (2003) destaca que ela está associada ao espaço, ou seja, o espaço ancora as lembranças do vivido. Não há memória coletiva que não aconteça em um contexto espacial. Para o autor (2003, p. 172), “a memória [...] se baseia na permanência do espaço ou, pelo, menos, na permanência da atitude adotada pelo grupo diante desta porção do espaço. Deve-se considerar aqui, como um conjunto de coisas, e os signos ou símbolos que a sociedade a ele associou [...]”. Ele ainda ressalta que “quando um grupo humano vive por muito tempo em um local adaptado a seus hábitos, não apenas seus movimentos, mas também seus pensamentos se regulam pela sucessão das imagens materiais que os objetos exteriores representam para ele” (p. 163). Se a paisagem da cidade oferece uma historicidade materializada em antigos casarões, igrejas, monumentos e outros; os traços do passado relacionados aos aspectos morfológicos da organização espacial da cidade são capazes de representar os valores das pessoas que a habitam. Com base nisso, uma das premissas apontadas é a correspondência entre o espaço temporalizado e o cotidiano cidadão. A permanência desse espaço não permite somente a memória como uma chave hermenêutica para adentrar ao que era o universo passado, mas também possibilita a permanência de alguns tipos de saberes, tradições, manifestações culturais e relações sociais pautadas num sentido de comunidade. Ainda existe um grau de integração social que as cidades modernas perderam, um acesso não apenas no domínio do material, mas, principalmente, ao conteúdo simbólico. Entende-se, portanto, que não são apenas as igrejas, casarões e monumentos que persistem através dos séculos, mas os modos de vida das pessoas que estão em permanente contato com eles e confundem sua vida com a vida das coisas (HALBWACHS, 2003).

Isso vai ao encontro do que postulou Freire (1997) sobre a condição de existência – preservação / destruição de elementos históricos nas cidades. Sua análise enfoca alguns monumentos de São Paulo, mas pode servir para uma correlação com outras e distintas cidades. Segundo a autora:

tal condição de existência – preservação / destruição – implica um certo ritmo que se estende do andar à observação, dificulta os



Colóquio Nacional Henri Lefebvre

Produção e Reprodução do Espaço Urbano nas Cidades Brasileiras

30, 31 de Out. e 1 de Nov. de 2013

mecanismos da memória e se reflete nas relações possíveis com seus suportes materiais e também entre as pessoas. A aceleração do passo sugere não apenas a impossibilidade de olhar, de contemplar, mas supõe dificuldades de evocação, comprometendo as dinâmicas da memória, que necessitam, invariavelmente, de tempo para se desprender desse cotidiano apressado. A aceleração é aqui sinônimo de destruição, ou pelo menos de uma outra forma de olhar, com a qual ainda não nos acostumamos totalmente. (FREIRE, 1997, p.47).

O ritmo da vida revela-se como um fator fundamental na experiência da cidade, algo que está atrelado aos valores de determinada sociedade. Com isso corrobora Jodelet (2002) ao remeter a questão da memória aos estudos do modo como os indivíduos e os grupos se situam dentro de seus espaços de vida na cidade e como se ligam a eles. Para ela, a aceleração do ritmo de vida, a intensificação das estimulações nervosas e sensoriais, o desfile veloz de imagens mutantes contribuem para construir uma mentalidade cidadina característica, marcada pelo desenraizamento, pelo ceticismo, pelo individualismo e pelo intelectualismo. Tais qualidades dificultam a criação de laços sociais e o estabelecimento de relações simbólicas com os outros. As transformações, nesse caso, figuram como violência, pelo predomínio das relações capitalistas sobre outros vínculos sociais, como considerou Bosi (1987). Ao contrário disso, em uma paisagem relativamente estática, cuja transformação se dá de forma mais lenta, os moradores, de forma geral, estabelecem uma relação afetiva com o lugar, desenvolvem práticas de sociabilidade e religiosidade pautadas nas tradições do lugar e são portadores de conhecimentos próprios daquele lugar, que lhes conferem uma singularidade.

Para Freire (1997, p.55), a relação dos moradores de uma cidade com seus monumentos deve ser vista além de sua funcionalidade imediata, pois está carregada de sentido simbólico. Estes elementos históricos “testemunham sistemas mentais da época em que foram criados e solicitam, não raro, uma relação não apenas perceptiva, mas também efabuladora, que mistura os tempos presente e passado, as histórias individuais às coletivas”.

A respeito disso, Halbwachs (2003, p. 159-160) explica o papel que as imagens espaciais desempenham na memória coletiva.

Quando inserido numa parte do espaço, um grupo o molda à sua imagem, mas ao mesmo tempo se dobra e se adapta a coisas materiais que a ela resistem. O grupo se fecha no contexto que construiu. A imagem do meio exterior e das relações estáveis que mantém com este passa ao primeiro plano da ideia que tem de si mesmo. [...] Cada aspecto, cada detalhe desse



Colóquio Nacional Henri Lefebvre

Produção e Reprodução do Espaço Urbano nas Cidades Brasileiras

30, 31 de Out. e 1 de Nov. de 2013

lugar tem um sentido que só é inteligível para os membros do grupo, porque todas as partes do espaço que ele ocupou correspondem a outros tantos aspectos diferentes da estrutura e da vida de sua sociedade, pelo menos o que nela havia de mais estável.

A paisagem da cidade constitui-se de fragmentos de tempos históricos superpostos, como foi posto por Santos (1988), e essa mudança ocorre também nas funções e nos costumes sociais. A explicação de Halbwachs (2003, p. 162) para a permanência das formas de vida referidas anteriormente se revela no vínculo da sociedade com seus espaços de memória. Para o autor, “os costumes locais resistem às forças que tendem à transformá-los e essa resistência permite entender melhor a que ponto nesse tipo de grupo a memória coletiva se apoia nas imagens espaciais”.

Nessa mesma linha de pensamento, Figueiredo (2011) declara que “os termos “memória urbana” e “memória da cidade” se referem, não à capacidade de lembrar dos indivíduos ou grupos, mas ao estoque de lembranças que estão eternizadas na paisagem ou nos registros do lugar, lembranças que passam a ser objeto de reapropriação por parte da sociedade e são vividas no cotidiano.

Segundo Lefebvre, “o cotidiano é o humilde e o sólido, aquilo que vai por si mesmo, aquilo cujas partes e fragmentos se encadeiam num emprego do tempo. E isso sem que o interessado tenha de examinar as articulações dessas partes. É, portanto aquilo que não tem data” (LEFEBVRE, p. 31, 1968). E ainda sobre o cotidiano, o autor aponta que é preciso

[...] caracterizar a sociedade em que vivemos, que gera a cotidianidade (e a modernidade). Trata-se de defini-la, de definir suas transformações e suas perspectivas, retendo, entre fatos aparentemente insignificantes, alguma coisa de essencial, e ordenando os fatos. Não apenas a cotidianidade é um conceito, como ainda podemos tomar esse conceito como fio condutor para conhecer a ‘sociedade’ [...]” (LEFEBVRE, p. 35, 1968).

Para o autor, o cotidiano da cidade ancora-se a simultaneidade do passado, do presente e do futuro. O que garante a permanência do tempo é a própria vida cotidiana. As formas materiais e simbólicas do passado das cidades históricas de Goiás foram razoavelmente mantidas, mesmo em constante deterioração. Se as compararmos com as cidades modernas, concluiremos que a mudança fundamental está na forma de sentir e viver a cidade, no cotidiano das pessoas. Em relação a isso, mencionamos a possibilidade de deslocamento a pé



Colóquio Nacional Henri Lefebvre

Produção e Reprodução do Espaço Urbano nas Cidades Brasileiras

30, 31 de Out. e 1 de Nov. de 2013

pela cidade, sem necessidade de automóvel, a segurança ao fazê-lo, o não anonimato, a proximidade com a vizinhança, o costume de sentar-se do lado de fora da casa no fim do dia para olhar a rua, o tocar dos sinos que marcam as horas, o tempo que flui em um ritmo mais lento. São formas de vida que demonstram um padrão de valores diferente de centros urbanos, onde imperam a pressa, o anonimato, a indiferença, a insegurança e as muitas ocupações.

Carlos (2007), traz uma importante contribuição para entender essa relação do lugar com a memória e o cotidiano:

[...] o lugar guarda em si e não fora dele o seu significado e as dimensões do movimento da história em constituição enquanto movimento da vida, possível de ser apreendido pela memória, através dos sentidos. Isto porque a realidade do mundo moderno reproduz-se em diferentes níveis sem com isso eliminar-se as particularidades do lugar, pois cada sociedade produz seu espaço, determina os ritmos de vida formas de apropriação expressando sua função social, projetos, desejos.

Com isso, mostra-se ainda o arrolamento entre patrimônio, memória e cotidiano. A autora associa o tempo ao ritmo do processo de trabalho, preso a um calendário rígido e o espaço ao domínio dos fluxos de mercadorias, capitais, informações. Estes, ao se reproduzirem, destroem as referências urbanas e, como consequência, a memória social. A memória, entretanto, produz a possibilidade do resgate do lugar, revelando-o e dando outra dimensão para o tempo. Nesse sentido, postula-se que a memória coletiva das cidades históricas de Goiás resiste também como resultado da dimensão vivida dada aos espaços de memória, e da relação das comunidades locais com estes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para Costa e Steinke (2013) a situação de abandono ou de preservação das cidades históricas é resultado da relação entre produção material e reprodução de imagens, imaginários e imaginações sobre tais lugares. O reconhecimento institucional reproduz diferentes formas de relações entre a comunidade e seu patrimônio. Assim, o reconhecimento coletivo do patrimônio cultural por parte da população também está associado ao conhecimento difundido deste mesmo patrimônio, seu sentido histórico, suas representações e seus valores intrínsecos. Dessa forma, “o amálgama de comunidades a seus bens culturais é



Colóquio Nacional Henri Lefebvre

Produção e Reprodução do Espaço Urbano nas Cidades Brasileiras

30, 31 de Out. e 1 de Nov. de 2013

estritamente atributo dos níveis e tipos de correlações estabelecidas neste mesmo lugar, e também do conhecimento construído historicamente a partir destes mesmos lugares” (p. 187).

O patrimônio, portanto, é parte constitutiva da cidade e ele dá suporte às lembranças, assumindo formas de resistência à modernidade.

Como considerações finais, propõe-se o desenvolvimento de pesquisas que construam reflexões sobre as cidades históricas esquecidas de Goiás, e se norteiem pelas seguintes indagações: Em que medida as experiências vividas nas cidades são construídas pela presença destes marcos referenciais que dão suporte à memória coletiva? Como as paisagens históricas contribuem para entender as formas de vida e as relações sociais estabelecidas diferenciadamente da cidade moderna?

Nesse sentido, a argumentação de Costa (2013, p. 1545) se faz válida, segundo a qual “tanto o patrimônio institucionalizado verticalmente nos ditos sítios históricos, quanto elementos vivos da cultura, da coabitação, do cotidiano, ou da vida [...] povoam e reproduzem, material e imaginariamente, distintas paisagens da memória”. Não basta recuperar elementos que, ao olhar institucional, representam a história e o passado da cidade. A memória e o imaginário urbano estão nos sentidos, nos símbolos, nas lembranças e nas experiências dos cidadãos, e estas se (re)constroem no espaço vivido enquanto totalidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

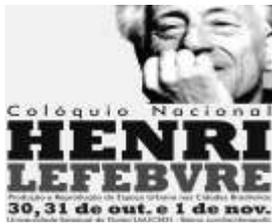
ABREU, Maurício de. Sobre a memória das cidades. *Revista da Faculdade de Letras – Geografia I*, v. XIV, Porto Alegre, 1998, p. 77-97.

BOLLE, Willi. *Fisiognomia da metrópole moderna: representação da história em Walter Benjamin*. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2000.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. *O lugar no/do mundo*. Edição eletrônica. São Paulo: LABUR Edições, 2007.

COSTA, Everaldo Batista da. *Cidade, imagem e patrimônio: consideração metodológica*. In: X ENANPEGE – Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia, 2013, Campinas. Anais... Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2013.

COSTA, Everaldo Batista da; STEINKE, Valdir Adilson. Cidades históricas do estado de Goiás, Brasil: uma agenda de pesquisa. *Ateliê Geográfico*, v. 7, n. 2, Goiânia-GO, 2013, p.164-195.



Colóquio Nacional Henri Lefebvre

Produção e Reprodução do Espaço Urbano nas Cidades Brasileiras

30, 31 de Out. e 1 de Nov. de 2013

FIGUEIREDO, Lauro César. *A memória urbana esquecida no tempo: o centro histórico da cidade de Santa Maria no Rio Grande do Sul*. In: XII SIMPURB - Simpósio Nacional de Geografia Urbana, 2011, Belo Horizonte. Anais... Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2011.

FREIRE, Cristina. *Além dos mapas: os monumentos no imaginário urbano contemporâneo*. São Paulo: SESC: Annablume, 1997.

GONÇALVES FILHO, José Moura. Olhar e memória. In: NOVAES, A. (org.). *O Olhar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2003.

HARVEY, David. *Condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola, 1992.

JODELET, Denise. A cidade e a memória. In: Del Rio; Duarte & Rheingantz. *Projeto do Lugar: Colaboração entre Psicologia, Arquitetura e Urbanismo*. Rio de Janeiro: Contracapa, 2002.

LEFEBVRE, Henri. *A vida cotidiana no mundo moderno*. São Paulo: Ática, 1968.

_____. *O direito à cidade*. Trad. Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2001.

MENEZES, José Newton Coelho. A patrimonialização da vida: vivências, memória social e interpretação do patrimônio cultural. In: COSTA, E. B.; BRUSADIN, L. B.; PIRES, M. C. (Orgs.). *Valor patrimonial e turismo: limiar entre história, território e poder*. São Paulo: Outras Expressões, 2012.

SANTOS, Milton. *Metamorfose do espaço habitado: fundamentos teórico e metodológico da Geografia*. São Paulo: Hucitec, 1988.